

Vida internacional

O tratado de Lausana — Como a Turquia renasceu e se represtigiou — A nota ingleza sobre as reparações

O acontecimento de maior monta dos ultimos dias fosem duvida a assignatura do tratado de Lausana, em virtude do qual ficam solucionadas, pelo menos no texto dos documentos, as questões do Oriente.

Durou 50 minutos o ultimo acto da longa e difficil conferencia de Lausana, que se realisou no dia 24 de julho, e que, dizem as folhas, decorreu com grave simplicidade.

Assignaram em primeiro lugar os delegados turcos, com Ismet Pachá á frente, e depois os delegados inglezes, italianos, gregos. japonezes, rumanos, bulgaros e portuguezes.

Dizem tambem os jornais que os delegados das potencias firmantes, após a assignatura dos documentos que lhes eram apresentados pelo general Massigli, secretario geral da conferencia, se deram fraternalmente as mãos e que a cidade manifestou um ruidoso regosijo, com toques de sinos, iluminações, fogo de artifício, bandeiras, etc.

O que não dizem é se estas manifestações festivas eram feitas por conta e ordem da delegação otomana...

Porque, em boa verdade, havia de quê. A Turquia venceu verdadeiramente a prolongada batalha diplomatica de Lausana. Mercê da discordia dos aliados, das dificuldades que noutros pontos e noutras questões preocupam a Europa e evidentemente mercê tambem da habilidade politica dos seus diplomatas, a Turquia vencida e decahida renasceu e conquistou o lugar e o prestigio de grande potencia.

O Tratado firmado em Lausana é uma inacreditavel

serie de abdições e transigencias das velhas e orgulhosas nações occidentais perante um governo semi-barbaro, com séde nas montanhas da Anatolia.

Nem todas as questões em litigio ficaram solvidas. Os petroleos de Mossul constituem um assumpto a resolver dentro de 9 meses após a ratificação do tratado pela Assembleia Nacional de Angora.

O tratado não diz nada sôbre a questão dos portadores de títulos da divida otomana, questão que ha-de ser resolvida por negociações directas entre o govêrno turco e os portadores dos titulos.

Dos pontos, porém, resolvidos pelo tratado, alguns representam para a Turquia uma victoria de tal modo estrondosa e para as nações europeias uma transigencia tão completa, que o prestigio do Occidente não deve ficar muito robustecido no Levante e por todo esse vasto mundo mussulmano, que vai até á Africa occidental e até á India rica e povoada de bastas gentes inquietas...

Por exemplo :

— O regimen das capitulações acabou e os estrangeiros ficam agora sujeitos ao direito comum e ás leis e costumes da jurisprudencia semi-barbara da Turquia...

— Para os estabelecimentos religiosos christãos existentes ao começo da guerra mantem-se o *statu quo ante*, mas o seu regimen não é estabelecido por nenhuma clausula especial do tratado ; será regulado por uma simples promessa dos turcos ás potencias signatarias...

— Acabam as clausulas restrictivas do tratado de Sèvres relativas aos Estreitos, onde a passagem será livre ; não se vê, porém, nenhuma fiscalisação internacional desta liberdade, que fica á mercê duma perfidia ou dum capricho turco...

— Não é reconhecida a independencia, nem a autonomia da Armenia ; a infeliz nação christã nem sequer é contemplada com um magro regimen de protecção...

— A Turquia, nação vencida, não pagará indemnisação de guerra...

— Ao contrario do tratado de Sèvres, o de Lausana não põe limitações nem restricções ás construções beliconavaes otomanas...

— Ao cabo de 6 mezes nenhum navio de guerra permanecerá no Bosphoro nem nos Dardanelos. A evacuação das tropas aliadas de Constantinopla, Charnak e Galipoli, começará logo após a ratificação do tratado pela Turquia e far-se-ha no prazo de 6 semanas...

— Depois d'aquella ratificação, os barcos de guerra (incluindo o famoso *Goeben*) e as armas e munições em poder dos exercitos de occupação, serão restituídos aos turcos...

— Concessões territoriaes: o *talweg* do Maritza, como fronteira da Tracia occidental; a posse de Karagatch, que domina Andrinopla e é uma importantissima posição strategica dos Balkans; as ilhas de Imbros, Tenedos, etc.

Por aqui se vê o que foi a paz de Lausana e até que ponto a Europa cedeu.

Com razão observa o sr. Gauvain nos *Debats* :

... A consequencia foi vêr-se um Estado de 7 milhões de habitantes, vencido pelos aliados, semi-barbaro, desorganizado, desprovido de utensilagem economica—tomar a desforra sobre o exercito constantiniano primeiro e sobre a diplomacia de todas as potencias occidentaes, depois.

E' um belo exemplo e que não deixará de ser aproveitado. Para que um povo vencido deixe de ser tratado como tal, basta fazer como os turcos: o ponto é ter umas rudes montanhas onde se velhacoutar e chefes como Kemal e Ismet Pachás. Depois é prolongar a resistencia por bastante tempo e prompto !

A lição aproveita especialmente á Alemanha, como observa o mesmo Gauvain :

Em face d'estes resultados, que exito não poderá tirar d'uma politica analoga uma Alemanha, de mais de 60 milhões de habitantes, formidavelmente apetrechada, exuberante de vida economica ?

Outro facto de alta importancia é a entrega da nota inglesa ás chancelarias de Paris, Bruxelas, Roma, Tokio e Washington, capeando o projecto de resposta inter-aliada á proposta alemã de 7 de junho.

Esse documento, entregue ha dias pelo governo inglez aos embaixadores das potencias destinatarias, é, por enquanto secreto, conforme mutuo compromisso tomado pelos governos interessados.

Sabe-se já, porém, — tudo se vem a saber neste mundo... — o que é, senão o texto, pelo menos o espirito d'aquela documeto, que os srs. Baldwin e lord Curzon redigiram com muito cuidado e muita esperanza.

A resposta-projecto enche 6 paginas de texto, com 2.500 palavras e é acompanhada d'um extenso *memorandum* explicativo ou justificativo, escripto n'um estylo grandiloquo e redundante, no genero farfalhudo da prosa wilsoniana, em que se apela para a consciencia universal, etc. E' — dizem os peritos — o estylo de lord Curzon.

Propriamente o projecto-resposta é um documento sobrio, elaborado com o evidente intuito de não irritar as susceptibilidades gaulezas. Seguindo na esteira de *Wilhelms-trasse*, o projecto britanico alvitra um novo exame á capacidade de pagamento do *Reich*, exame que deveria ser feito por uma comissão inter-aliada (note-se como foi evitada a palavra *internacional*, particularmente desagradavel a ouvidos francezes...), presidida por um americano (um dos intuitos da nota é revocar a América á politica das reparações) e nomeada pela Comissão de reparações. Para que se não diga imediatamente que o alvitre é inaceitavel e inoportuno, a nota ingleza legitima-o com o proprio Tratado de Versalhes (parte VIII, anexo II, § 12).

No que o projecto é mais impreciso é no que se refere á resistencia passiva..

E' certo que Londres a condemna, mas tambem é certo que não aprova a occupação do Ruhr, por contraria ao tratado de Versalhes. Simultaneamente com a terminação da resistencia, devia a acção dos occupantes reduzir-se á chamada *occupação invisivel*.

São estes os pontos essenciaes da resposta-projecto oferecida pela *Downing Street* ás chancelarias aliadas, como recurso seguro e prompto para a terminação dos males da Europa...

E agora?

Agora parece-me poder afirmar-se desde já que a França não aceitará os obsequiosos alvitres do governo britânico e que a consequencia será o fim da *Entente*, que já não é, ha muito tempo, mais que uma convenção da politica europeia...

Correia Marques.

A SAIR DO PRÉLO

VENTO SOBRE A CHARNECA . . .

PORTUGAL DE HONTEM, DE HOJE E
DE AMANHÃ = INQUERITO AOS IN-
TELECTUAES PORTUGUESES = PRO-
SA E POESIA = TEATRO = BELAS
ARTES = MUSICA = POLITICA =
INTRODUÇÃO GERAL, SINTESE E
= = = COMENTARIOS = = =

por **ALVARO MAIA**

LUSITANIA EDITORA, LIMITADA — LISBOA